

mas estas têm uma natureza dupla e muito pessoal. Nin chamou-lhe «o maior escritor à face da Terra». Ele não lhe poupou elogios e soube retribuir a ajuda que ela lhe prestara nos anos de miséria em Paris. Trata-se de um livro único onde a cumplicidade sobreleva as vicissitudes do tempo que tudo esbate e deslaça. Neste caso, o grande devorador da Criação suspendeu um pouco o seu ofício e o que ressalta é o retrato de duas pessoas em busca da realização humana através da literatura. [Trad. Tiago Marques. *Caleidoscópio*, 366 págs.] JGM

Veneza Jan Morris

Considerado um grande clássico da literatura de viagens, não é apenas isso, pois encerra mil e



uma histórias de Veneza, desde as suas longínquas e incertas origens até ao presente. A atmosfera peculiar da cidade da laguna, os recantos, os personagens de todas as classes, as lendas macabras, as glórias e misérias de grande potência marítima, as conquistas do comércio e da guerra naval, as memórias de uma microcivilização que perdurou durante séculos, mas também os seus palácios e os génios que a visitaram, as modas que lançou, as invejas e temores que suscitou, a aura de mistério que a envolveu, à semelhança das neblinas que mostram ocultando, tudo isso e muito mais foi captado nestas páginas informadas que

revista [setembro 2009]

mas estas têm uma natureza dupla e muito pessoal. Nin chamou-lhe «o maior escritor à face da Terra». Ele não lhe poupou elogios e soube retribuir a ajuda que ela lhe prestara nos anos de miséria em Paris. Trata-se de um livro único onde a cumplicidade sobreleva as vicissitudes do tempo que tudo esbate e deslaça. Neste caso, o grande devorador da Criação suspendeu um pouco o seu ofício e o que ressalta é o retrato de duas pessoas em busca da realização humana através da literatura. [Trad. Tiago Marques. *Caleidoscópio*, 366 págs.] JGM



uma histórias de Veneza, desde as suas longínquas e incertas origens até ao presente. A atmosfera peculiar da cidade da laguna, os recantos, os personagens de todas as classes, as lendas macabras, as glórias e misérias de grande potência marítima, as conquistas do comércio e da guerra naval, as memórias de uma microcivilização que perdurou durante séculos, mas também os seus palácios e os génios que a visitaram, as modas que lançou, as invejas e temores que suscitou, a aura de mistério que a envolveu, à semelhança das neblinas que mostram ocultando, tudo isso e muito mais foi captado nestas páginas informadas que

Veneza Jan Morris

Considerado um grande clássico da literatura de viagens, não é apenas isso, pois encerra mil e

revista [setembro 2009]

transmitem uma infinita admiração por esta estranha criação humana. *Veneza*, de Jan Morris (n. 1926), é um repositório do muito que se pode adivinhar que existiu durante séculos e agora se esfuma sob a crescente ameaça das hordas de turistas e da própria natureza, indecisa entre o avançar das ondas e a trégua prolongada. «Por vezes, rio abaixo, quase penso que o consigo; mas então a luz muda, o vento vira, uma nuvem atravessa-se à frente do sol e o significado de tudo isto volta uma vez mais a escapar-me.» Um livro a não perder. [Trad. Raquel Moura. *Tinta-da-China*, 440 págs.] JGM

Dois Verões

Erik Orsenna

Uma ilha é o lugar mais inesperado do mundo, mas não o mais

UMA SUGESTÃO ESPECIAL



VENEZA

Jan Morris

Tinta da China, 2009.
trad. de Raquel Moura.
440 págs. €21,90

POR ANTÓNIO GUERREIRO

Da imensa literatura sobre Veneza (tanta que já houve quem dissesse que a cidade provocava uma síndrome da exaltação escriturária), há uma parte que pode ser classificada na categoria de 'por ou contra Veneza'. Este livro da escritora inglesa Jan Morris, escrito em 1960 mas actualizado em sucessivas edições, tem ingredientes que alimentam os dois pólos da dicotomia, seguindo todavia uma lógica de equilíbrio, de fascínio lúcido e temperado por uma sábia distância e um grande sentido de humor que o tornam extremamente inteligente e capaz de integrar um vastíssimo saber, num discurso cheio de leveza, ironia, ritmo e muita perspicácia. Jan Morris é ao mesmo tempo historiadora, repórter, etnóloga, psicóloga e socióloga. E consegue escapar aos lugares-comuns da mitografia veneziana. Não se trata de desmistificar Veneza, de diminuir o poder de fantasia que ela projecta, mas de encontrar espessura e contradição nas suas imagens especulares, pois trata-se de uma cidade que vive em permanente estádio do espelho. Atravessando todo o livro, temos uma história da cidade, mas ele não é uma monografia historiográfica: é um percurso por temas e motivos que tentam apreender traços de identificação dos venezianos, das representações que têm de si e da sua cidade. E o que emerge é uma singularidade que tem aspectos cómicos, delirantes, grandiosos, narcísicos. Em suma: uma 'raça sui generis'. Que esperar dos habitantes de uma cidade que está "entre a aberração e o conto de fadas", que passou do estatuto de grande potência entregue ao hedonismo e ao esplendor à condição de bela arruinada e decadente que vive da contemplação embevecida que lhe devotam as hordas de turistas?

BEST OF

Veneza começa aqui

Peca por tardia a chegada deste livro a Portugal. "Veneza", de Jan Morris, é uma viagem escrita com a destreza de uma jornalista e a sensibilidade de uma grande escritora



Este é um livro que tem por trás uma história tão cativante quanto a que conta. É um livro de viagens escrito por um dos melhores autores da matéria, como chamou Paul Theroux, outro grande escritor de viagens, a Jan Morris. Mas a história deste livro não cabe nele. Sobra das páginas. Vai muito além da contra-capa e chega à vida real. "Veneza", agora editado pela Tinta da China na colecção de viagens coordenada pelo jornalista Carlos Vaz Marques, foi escrito por um ex-oficial da marinha britânica que um dia decidiu mudar de sexo depois de anos a achar que estava no corpo errado. Anos a tomar estrogénio e em 1970 até à operação que o tornou mulher. O mais incrível nesta história é que James Morris (assim se chamava antes de optar pelo nome Jan) era casado e pai de cinco filhos e continuou, depois da mudança de sexo, a partilhar a vida com a mulher com quem casou. Confuso?

James Morris nasceu em 1926 na Inglaterra e antes de ter escrito "Veneza", em 1960, já tinha publicado quatro livros. Em todos eles privilegiava a componente histórica. Este não foi excepção. Só agora traduzido em Portugal, país onde não existe mais nenhuma obra de Morris disponível, é uma descrição pormenorizada daquela que para muitos é a cidade mais bela do

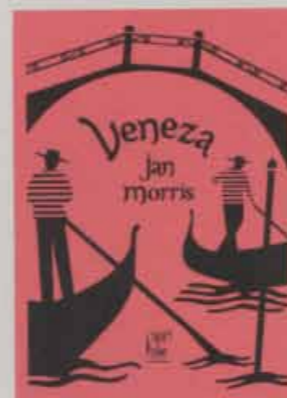
mundo. Classificações à parte. Não é uma reportagem, como Morris um dia desejou e achou que fosse, ainda influenciado pelos seus trabalhos enquanto jornalista para o "The Times". Os detalhes históricos poderiam levá-lo para o capítulo da História. Mas o que conta neste "Veneza" é também o lado encantatório que só a literatura de viagens consegue, criando a ilusão de nos transportar a locais onde nunca estivemos. "Veneza" é isso. Mas não é só isso.

No preâmbulo Morris escreve: "A presente obra é a terceira edição de um livro que escrevi ainda na pessoa de James Morris". E ela quem diz que este não é nem um livro de história nem um guia. Não é também "exactamente uma reportagem". Chama-lhe um retrato subjectivo e romântico, por mais que isso lhe tenha desagradado à época. E subjectivo porque cada viajante escreve de acordo com o seu olhar. O de Morris, dispersa-se em detalhes e vai ao fundo quando o tema é a História ou a Cultura de uma cidade que chegou a ser a mais importante da Europa do ponto de vista económico.

Desde as descrições sobre o vestuário ao modo como se comportam as mulheres venezianas; do poder aos costumes; do modo de falar à vaidade de um indígena em se dizer veneziano, o livro divide-se em cinco partes: "Terra à vista", "A Cidade", "A Laguna" e "O Embarque". Em cada capítulo não esquece os detalhes do quotidiano que cruza com mestria com dados históricos. Ou, por exemplo, com episódios tão caricatos quanto o de se pôr à procura na lista telefónica dos nomes que ainda têm a marca dos doges. Tudo acompanhado de uma escrita clara, descritiva, poupada na adjectivação, iluminada por uma sensibilidade literária invulgar entre a maioria dos escritores de viagens. **ISABEL LUCAS**

VENEZA
JAN MORRIS
TINTA DA CHINA

43_Veneza



Considerado um grande clássico da literatura de viagens, este livro de Jan Morris (n. 1926) não é apenas isso, pois encerra mil e uma histórias de Veneza, desde as suas longínquas e incertas origens até ao presente. A atmosfera peculiar da cidade, os recantos, os personagens de todas as classes, as glórias e misérias de grande potência marítima, as conquistas do comércio e da guerra naval, as memórias de uma microcivilização que perdurou durante séculos, mas também os seus palácios e os génios que a visitaram, a aura de mistério que a envolveu, à semelhança das neblinas que mostram ocultando, tudo isso e muito mais foi captado nestas páginas informadas que transmitem uma infinita admiração por esta estranha criação humana. **JGM**

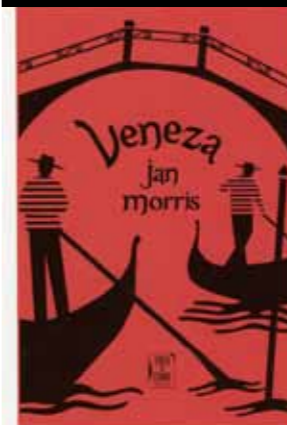
Jan Morris. Trad. Raquel Mouta. Tinta-da-China, 440 págs. [LER 83]



Veneza Jan Morris

TINTA-DA-CHINA
(440 PÁGS., €21,90)

Clássico da literatura de viagem, elogiado por Bruce Chatwin e Paul Theroux, Veneza é um tributo. Ao passado de uma cidade que exige ardor no desvendar de histórias. E ao passado da autora que era então um James, antes da operação de mudança de sexo que fez. Por fim, ao passado literário, que é o do fulgor da juventude. Um dos livros do ano, escrito com uma mestria romanesca que supera o relato geográfico.



Veneza

O historiador inglês Jan Morris nasceu homem em 1926, casou, teve cinco filhos, mas em 1972 fez em Marrocos uma operação para mudar de sexo. A sua obra mais conhecida é a trilogia *Pax Britânica*, uma história do Império Britânico. No entanto, o seu nome consta também em muitas reportagens que assinou para jornais (entre elas, a da primeira expedição a atingir o cume do Everest, com Sir Edmund Hillary e o guia sherpa Tenzing) e em vários livros de viagens que escreveu, entre os quais os dedicados às várias metrópoles que visitou. Na colecção dirigida por Carlos Vaz Marques para a Tinta-da-China vai ser publicado *Veneza*, um olhar singular à romântica cidade italiana. (Durante o Verão, será lançado ainda *Disse-me Um Adivinho*, de Tiziano Terzani, uma viagem através da Ásia.)

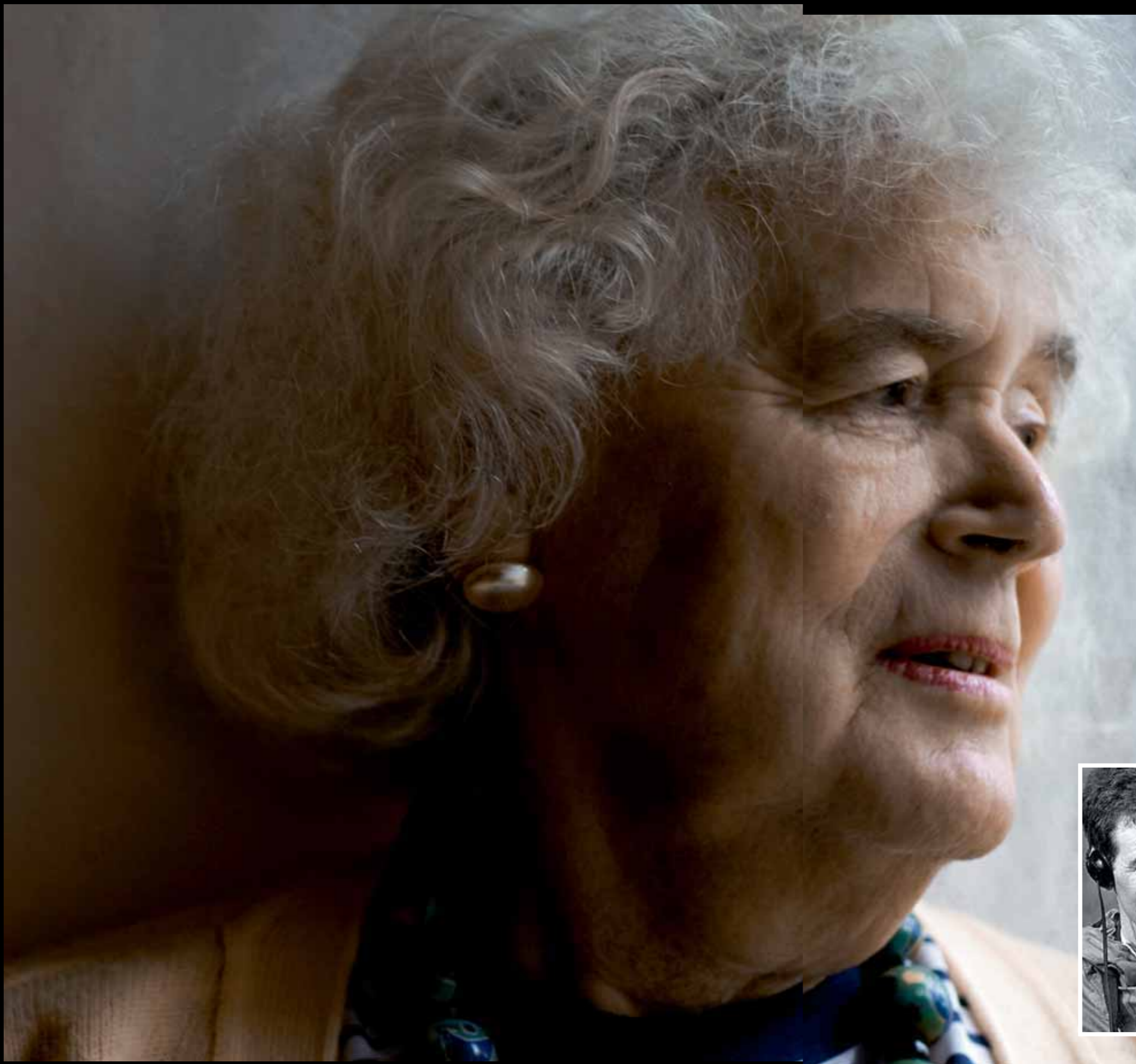
Se não vai viajar

Veneza
Jan Morris
Tinta da China, 21,90€



Jan Morris é um dos grandes nomes da literatura de viagens, e *Veneza* é o título mais recente da muito conseguida colecção que Carlos Vaz

Marques dirige na Tinta da China sobre um tipo de literatura que nos leva aos mais variados destinos sem sair do lugar. Este é um olhar sobre a cidade das gôndolas, escrito em 1960, quando Jan ainda era homem e se chamava James (mais tarde trocou de sexo). Um relato muito visual de uma cidade melancólica, entre a descrição, a reportagem e as sugestões de monumentos a visitar, ao estilo guia. Entretanto, ainda durante o Verão irá sair mais um volume desta colecção: *Disse-me um Adivinho*, de Tiziano Terzani, que nos leva através da Ásia.



COURTNEY MCDONALD

A Veneza de Jan no tempo em que ainda era James

Jan Morris vive em Llanystumdwy, País de Gales. No ano passado, depois da mudança da lei na Grã-Bretanha, voltou a casar-se com Elizabeth, com quem fora casado enquanto James (em baixo) e de quem se tinha divorciado em 1972 por razões legais. Juntas há 60 anos, têm nove netos

Jan Morris é uma referência na literatura de viagens. Em metade da sua vida foi um homem, na outra metade uma mulher. Foi como James que escreveu "Veneza" - obra agora editada em Portugal. Essa viagem entre os sexos contara-a com delicadeza em "Conundrum". Tem, mais do que a maioria das pessoas, uma consciência aguda do sexo de coisas, de acontecimentos, de cidades.

Alexandra Prado Coelho



Para James Morris Veneza foi sempre uma cidade feminina. Era assim - "talvez como uma espécie de ossificação do princípio da feminilidade" - que a via quando ali viveu com a mulher, Elizabeth, e os filhos. A cidade era "o equivalente em pedra, na sua graça, serenidade e cintilação" de tudo aquilo que James sonhava ser. Em 1960 James Morris escreveu "Veneza", um livro, que a Tinta da China acaba de editar em Portugal, sobre aquela que é, com Oxford e Trieste, uma das cidades que lhe "pertencem". Uma década depois James fez, em Marrocos, uma operação de mudança de sexo. Hoje chama-se Jan, é uma respeitável octogenária e vive na aldeia de Llanystumdwy, País de Gales. No ano passado, depois da mudança da lei na Grã-Bretanha, voltou a casar-se, em união civil, com Elizabeth. É para a casa onde vive há décadas, em Llanystumdwy, que telefonamos. A própria Jan atende o telefone, uma voz não exactamente masculina mas não inteiramente feminina, calorosa,

Capa

tom britânico, vagamente afectado, mas ao mesmo tempo divertido. Conversa um pouco, mas diz que prefere responder às perguntas por email. Quando, nessa mesma noite, envia as respostas pede desculpa por não falar do facto de ter sido homem e hoje ser mulher - "nada me aborrece mais do que falar sobre a mudança de sexo, razão pela qual há cerca de 40 anos que recuso consistentemente fazê-lo". Sobre "Veneza", assume-o como um livro de um tempo, de uma outra vida. "Claro que me reconheço nele, mas sou eu 50 anos mais nova. Se escrevesse o livro hoje seria o mesmo mas, infelizmente, não tão bom". Houve, ao longo do tempo, outras edições, nas quais Morris tentou fazer actualizações, mas apercebeu-se de que isso não era possível. "Este livro em nada se assemelhava à reportagem objectiva que eu imaginara inicialmente. Era um retrato subjectivo, romântico, impres- →

«sionista, não tanto de uma cidade mas de uma experiência», escreve no preâmbulo.

Regressou a Veneza, nas décadas de 70, de 80, de 90 e encontrou-a, a cada vez, diferente. Apaixonou-se, e deixou de se sentir apaixonada, lamentou o desaparecimento “daquela magia triste” e do “pathos” do seu declínio”, e nos anos 90 admitiu que pudesse ter-se apaixonado de novo, mas “de uma forma resignada, reconciliada”. Mas pouco alterou no livro. “Renovar a minha Veneza seria falso, como seria absurdo rejuvenescer-me”.

Ela própria, nesse preâmbulo, descreve o livro mais por aquilo que ele não é: “Não é um livro de história, mas contém necessariamente muitas passagens históricas” [...] Também não é um guia, mas no capítulo 21 apresenta uma lista dos monumentos que vale a pena visitar, por ordem topográfica, misturando-os ocasionalmente com breves passagens rebuscadas. [...] Este livro também não é exactamente uma reportagem. Quando o escrevi, em 1960, pensei que assim fosse. Nessa época eu era correspondente no estrangeiro e planeei este livro como um trabalho sobre a Veneza contemporânea”.

No final do email para o Ípsilon, e ainda a propósito das perguntas relacionadas com a possibilidade de ter um olhar mais masculino ou mais feminino sobre uma cidade (às quais não responde), Jan diz: “Poderá gostar de saber o seguinte: Elizabeth e eu divorciámo-nos em 1972, apenas por razões legais, mas desde então vivemos sempre juntas, e quando a lei mudou, há um ou dois anos, restabelecemos a nossa relação numa união civil formal. Vivemos juntas há 60 anos e temos nove netos. O amor é tudo - e a generosidade!”.

Numa entrevista à revista do “El País” confessara já que o assunto da mudança de sexo era para ela “algo já remoto, pré-diluviano”, e explicava que tudo o que tinha a dizer já tinha dito há 30 anos. O livro “Conundrum” - publicado em 1974 -, é o relato autobiográfico do “enigma” (é esse o sentido de “conundrum”) que foi a sua vida. E aí, na forma de “comunicar o incomunicável”, Morris “é consistentemente brilhante”, escreveu o “Observer”. O “Times” considerou “Conundrum” um dos “100 livros chave do nosso tempo”.

Um momento, abaixo do piano

James era pequeno, a mãe estava a tocar piano, e ele, como gostava de fazer, estava sentado abaixo do piano, com as notas a choverem sobre a cabeça. Foi nesse momento que soube: “Tinha três ou talvez quatro anos quando percebi que tinha nascido no corpo errado, e que devia ser uma rapariga. Lembro-me bem desse momento, e essa é a mais antiga memória da minha vida”. Era uma criança feliz, foi “criado com gentileza e sensibilidade”, e não vale a pena procurar nessa infância sinal de

trauma ou desajustamento que explique esse pensamento “tão bizarro” que se instalou nele.

Foi um longo, e muitas vezes doloroso, processo que o levou desse momento, debaixo do piano, rodeado pela música que a mãe tocava, até um estranho quarto numa clínica em Casablanca, onde um dia adormeceu homem e no outro acordou mulher. Ou melhor, acordou sem os órgãos genitais, o último passo que faltava para completar, até ao limite do possível, a sua mudança. A transformação começara muito antes da operação em 1972. “Cálculos rápidos indicam que entre 1954 e 1972 engoli pelo menos 12 mil comprimidos e absorvi no meu sistema qualquer coisa como 50 000 miligramas de matéria feminina”, escreve em “Conundrum”.

A mudança foi “infinitamente gradual”. Ao longo de “Conundrum”, as descrições do processo são sempre de uma imensa clareza, como se surdissem sem esforço de uma extraordinária capacidade de auto-análise. “O primeiro resultado não foi exactamente uma feminização do meu corpo, mas um despir da capa →

Para James Morris
Veneza foi sempre
uma cidade feminina.
Era assim - “talvez
como uma espécie
de ossificação
do princípio da
femilidade” - que a
via quando ali viveu
com a mulher,
Elizabeth, e os filhos



Depois de esrever o livro, na década de 60, Jan Morris egressou a Veneza, nas décadas de 70, de 80, de 90 e encontrou-a, a cada vez, diferente. Apaixonou-se e deixou de se sentir apaixonada, lamentou o desaparecimento “daquela magia triste” e do “pathos” do seu declínio”, e nos anos 90 admitiu que pudesse ter-se apaixonado de novo, mas “de forma resignada, reconciliada”

“Limito-me a deixar a cidade acontecer-me”

Jan Morris diz ao Ípsilon que os seus livros são “essencialmente autobiográficos”. “Veneza” é a cidade num tempo, os anos 60, quando Jan ainda era James.



Não vale a pena pedir-lhe uma receita específica. Jan Morris não vai dizer se, quando se prepara para escrever sobre uma cidade, se fecha numa biblioteca a ler o que pode, se senta num café a olhar em volta, se fala com quem quer que se lhe atravesse no caminho. “Nunca pensei em mim como uma escritora de viagens”, responde-nos por email. “É a minha técnica baseia-se em dois princípios preguiçosos. O primeiro tomei-o de E. M. Forster: ‘Vaguear sem objectivo’. O segundo dos Salmos: ‘Arreganha os dentes como um cão e corre pela cidade’. Tirando isso limito-me a deixar a cidade acontecer-me”.

É isto. Parece simples, mas é o que faz de Morris, nas palavras de outro escritor de viagens, Paul Theroux (também em conversa com o Ípsilon por email), “uma das grandes escritoras descritivas em língua inglesa”. Morris “consegue descrever um céu, um cheiro, um rosto, qualquer coisa, de uma forma que faz com que a vejamos claramente”.

Não se espere, em “Veneza”, um relato tradicional de uma viagem, com a chegada, os pequenos (ou grandes)

“A minha técnica baseia-se em dois princípios preguiçosos. O primeiro tomei-o de E. M. Forster: ‘Vaguear sem objectivo’. O segundo dos Salmos: ‘Arreganha os dentes como um cão e corre pela cidade’. Tirando isso limito-me a deixar a cidade acontecer-me”.

acontecimentos dos dias que se seguem contados de forma cronológica até ao momento de apanhar o avião de partida. “Não sou uma escritora de pequenas histórias”, responde no email.

Há, na escrita dela, muitos dados históricos, mas que são sempre entrelaçados com as histórias que conta. E estas resultam de uma apaixonada observação, misturada com um humor fino: “Por vezes uma dona de casa veneziana anuncia conclusivamente que naquele dia não se encontram couves na cidade: mas o que ela quer dizer é que, naquela manhã, as couves se esgotaram na mercearia a esquina do Campo de San Barnaba, onde a família dela faz compras desde o tempo das primeiras Cruzadas”. Ou: “Os pais venezianos levam os bebés ao colo com um regalo assumido, e as mães venezianas dão sinais de imediata crise cardíaca se o pequeno Giorgio estiver a dois metros da água. As crianças venezianas andam vestidas com requinte, ainda que por vezes pareçam um pouco ridículas”.

Ambição ilimitada
Uma das coisas que Carlos Vaz Marques, o coordenador da colecção da Tinta da China sobre literatura de viagens, gosta em Jan Morris é o facto de “ela ser uma escritora-viajante com uma ambição ilimitada” que “não tem receio de querer abarcar a totalidade dos lugares a que dedica atenção”. É por isso que “ao contrário do que se tornou comum, ela não é uma escritora pós-moderna”. O seu relato “não é circunstancial”, não se baseia nas pequenas histórias que podem ou não ter um significado maior. Nunca chegamos a saber se aquilo que aconteceu a determinado escritor é relevante para a visão do país ou da cidade ou se foi apenas um episódio particular que lhe aconteceu por acaso - é a isto que Carlos Vaz Marques chama um relato “circunstancial”. “São escritores que contam a sua história com o pressuposto de que um ponto de vista é apenas um ponto de vista e que não é possível ter um olhar total sobre a realidade”, o que,

sendo “um pressuposto filosófico e relativista respeitável”, acaba por ser na maior parte dos casos “um estratagemas para mascarar a falta de génio ou a incapacidade do autor para ver para lá da sua circunstância”.

Morris não o faz. “Muita da escrita de viagens publicada tem como tempo verbal o pretérito perfeito, ‘fui, estava, vi’, o dela é o imperfeito, ‘via, estava’, o que dá uma continuidade de no tempo, e faz com que na maior parte dos casos ela descreva quadros que parecem intemporais”.

A própria Jan explica ao Ípsilon que embora “Dickens tenha escrito de forma muito bela sobre Veneza ao fim de apenas um dia”, no seu caso escreveu livros sobre lugares aos quais se dedicou durante um ano - “e no do País de Gales, uma vida inteira!”. E confessa que é, como toda a gente, influenciada pelas experiências que tem numa cidade. “Sou particularmente sensível ao que acontece porque os meus livros são essencialmente autobiográficos - para não dizer que são egotistas. Descrevem o efeito dos lugares não em geral, mas sobre uma sensibilidade particular - a minha própria. Nunca me tento colocar no lugar dos outros - escrevo sobre as minhas próprias reacções”.

Veja-se o início de “Veneza”: “A 45º 14’N, 12º18’E, o navegador que vá subindo ao longo da costa adriática de Itália encontra uma abertura na extensa linha baixa da praia: e virando para oeste, com a ajuda da maré, entra numa laguna. De súbito, desaparece o vigor tempestuoso do mar. A água em volta é baixa mas opaca, a atmosfera curiosamente translúcida, as cores são pálidas, e sobre toda a extensão da bacia de lama e água pesa uma sugestão de melancolia. É como que uma laguna albina”. Essas páginas iniciais, explica ela hoje, “correram bem”. “Toda a minha visão de Veneza é largamente influenciada pelo facto de ter acesso a barcos lá, e ainda hoje aquilo que mais gosto é aproximar-me dela por mar”.

Paul Theroux concorda que os livros de Morris [entre muitas dezenas de obras, retratos de Trieste, Oxford, Hong Kong, e relatos de viagens em inúmeros países, para além de ensaios] “estão cheios das suas opiniões, da sua história, da sua sensibilidade”. E considera que não há nela “um ‘estilo’ deliberado”. “Ela escreve como pode, como o faz, e é facilmente identificável na sua escrita. E conhece o mundo como poucas pessoas”. Afinal, conclui Theroux, “ela percorreu o mundo como homem, e também como mulher - quem mais pode dizer isso?”. **A.P.C.**

← rugosa que cobre os indivíduos masculinos. Não estou a falar apenas dos pêlos ou da textura da pele, nem da saliência dura dos músculos: tudo isto desapareceu efectivamente nos anos que se seguiram, mas com eles desapareceu também algo menos tangível, que sei agora ser especificamente masculino: uma espécie de camada invisível de resiliência acumulada, que oferece um escudo para o lado masculino das espécies, mas ao mesmo tempo diminui as sensações do corpo”.

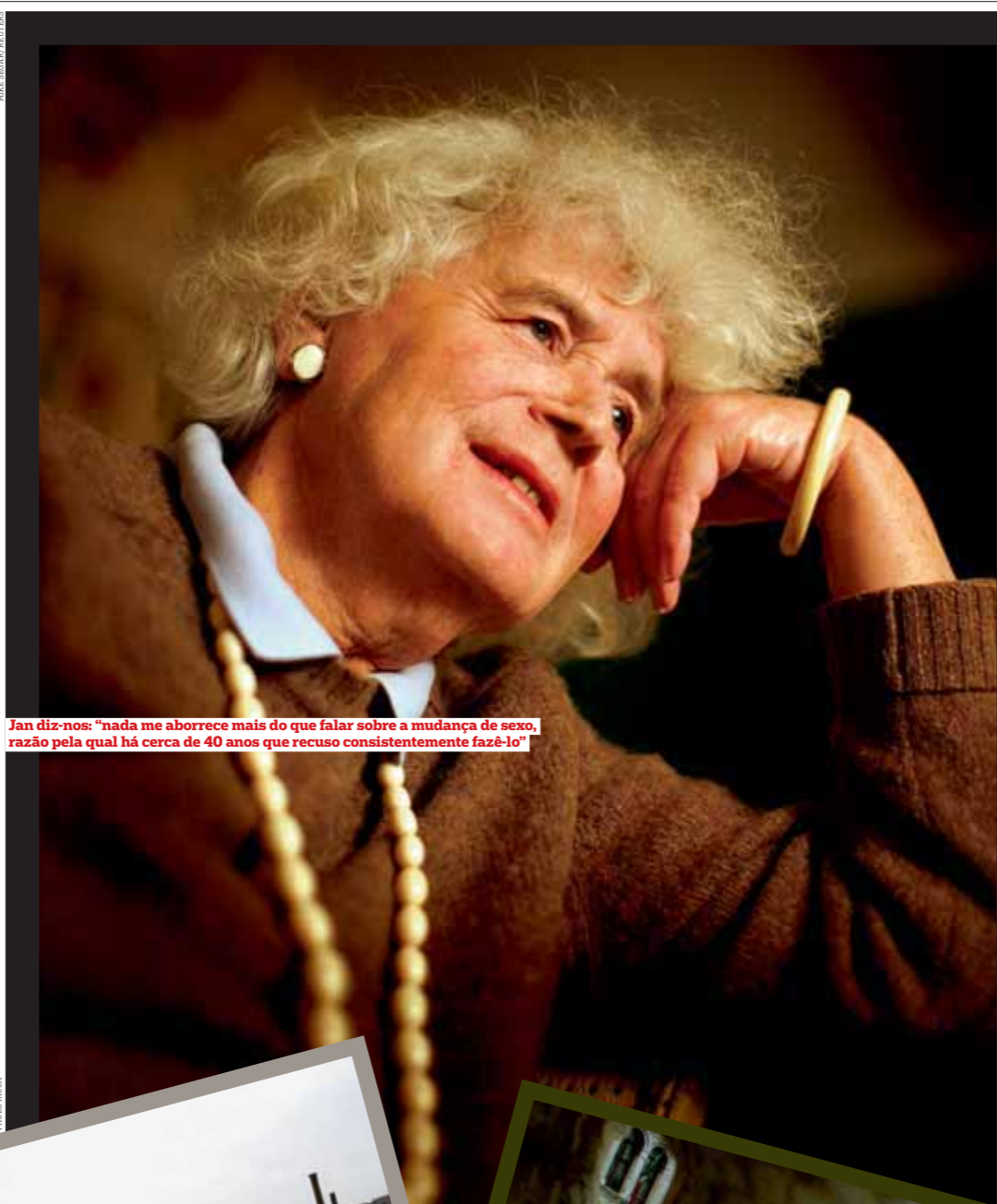
É, explica Morris, como se os homens “tivessem um contacto menos imediato com o ar e o sol” e estivessem “mais poderosamente compactados nos seus próprios recursos”. Com o tratamento hormonal a que se sujeitou, essa “armadura” foi desaparecendo e Morris sentiu-se tão mais leve que sonhava frequentemente com levitação.

Militar e jornalista

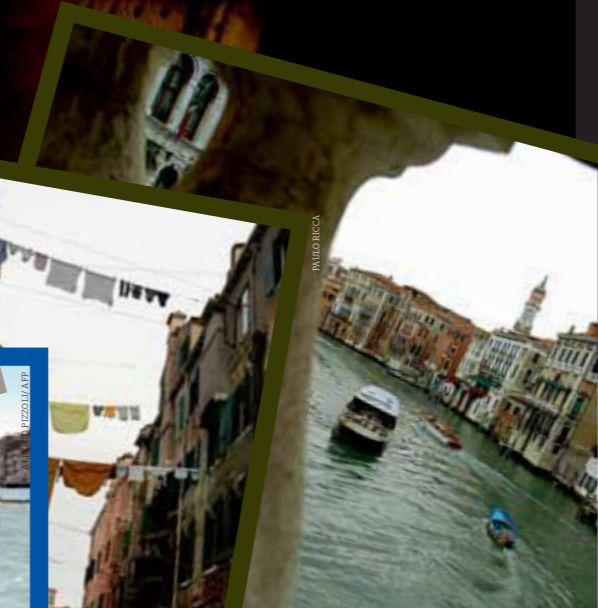
Ser transsexual, escreve, “não tem nada a ver com preferências sexuais”. Não é uma questão sexual. “É uma apaixonada, permanente e profunda convicção, que nunca ninguém conseguiu retirar a um verdadeiro transsexual”. É simplesmente uma evidência - mesmo que só para o próprio. “Para mim esta é uma questão que vai muito para além do sexo: não reconheço nela qualquer carácter lascivo, e vejo-a, acima de tudo, como um dilema que não é do corpo nem da cabeça mas do espírito”.

Na infância, quando não confessara a ninguém o que sentia, atravessavam-lhe o espírito dúvidas tão desconcertantes como esta: “Ocorrerá-me que talvez a minha condição fosse perfeitamente normal, e que todos os rapazes gostariam de ser raparigas. Parecia-me uma aspiração suficientemente lógica [...]”.

As primeiras experiências sexuais não contribuíram para clarificar o “enigma”. Não sentia qualquer desejo de dormir com mulheres, e não partilhava “as ambições sexuais” que tanto pareciam interessar os outros homens - havia nele uma ausência da “sexualidade masculina” que reconhecia nos amigos (aliás, confessava nunca ter percebido muito bem “a importância do sexo físico para os homens”). Os contactos sexuais com homens também não pareciam interessá-lo excessivamente, e sentia “não exactamente repulsa mas embaraço”, ao mesmo tempo que “esteticamente” parecia-lhe “errado”, para



Jan diz-nos: “nada me aborrece mais do que falar sobre a mudança de sexo, razão pela qual há cerca de 40 anos que recuso consistentemente fazê-lo”



“Toda a minha visão de Veneza é largamente influenciada pelo facto de ter acesso a barcos lá, e ainda hoje aquilo que mais gosto é aproximar-me dela por mar”.

além de achar que “esta intimidade do corpo com simples conhecidos era deselegante”.

James/Jan é essencialmente uma pessoa feliz. Apesar da angústia que sentiu durante anos por achar que tinha nascido no corpo errado, aproveitou sempre o melhor possível o muito que a vida lhe deu - e mesmo o que um corpo de homem lhe ofereceu. Aos 17 anos ingressou como voluntário no Exército inglês, foi oficial do 9º Regimento de Lanceiros da Rainha - “paradoxalmente a vida militar sempre me atraiu”, escreve num capítulo de “Conundrum” em que confessa a sua admiração pelas “virtudes militares, a coragem, a força, a lealdade, a auto-disciplina” além de um fascínio especial por tanques.

Mais tarde tornou-se jornalista e percorreu o mundo em reportagem ao serviço da “Arab News Agency” do Cairo, do “The Times” e do “Manchester Guardian”. E se se sentia desconfortável no “Manchester Guardian” porque “era como trabalhar para uma mulher e não para um homem”, o “Times” agradava-lhe precisamente por ser “muito britânico e muito masculino”.

“O facto de ter nascido no Império Britânico moldou a minha visão do mundo”, reconhece ao Ípsilon. “Senti-me desde o início privilegiada e de certa forma invulnerável. Além disso, embora tenha vindo a abominar o princípio do imperialismo, a ideia de que uma pessoa pode impor o seu domínio a outra (por exemplo os ingleses sobre nós, no País de Gales), sentia-me seduzida pela estética de tudo isso, e é por isso que o meu trabalho mais importante é a minha trilogia ‘Pax Britannica’ - uma franca mistura de admiração e repulsa, que representa, julgo eu, a atitude nacional melhor do que qualquer análise académica”.

Jan Morris parece ter, mais do que a maioria das pessoas, uma consciência aguda do sexo de coisas, de acontecimentos, de cidades. É através dessa perspectiva que lê momentos determinantes da sua vida como a expedição do topo do Everest, que acompanhou como jornalista em 1953. “O corpo masculino pode ser pouco generoso e pouco criativo de uma forma mais profunda, mas quando está a funcionar bem é uma coisa maravilhosa de habitar”, escreve a propósito desse momento em que sentiu que nada a podia derrotar. E, no entanto, aquele feito extraordinário deixava-a “insatisfeita,

como provavelmente à maioria das mulheres”, porque era uma vitória no vazio - “nada fora descoberto, nada feito, nada melhorado”.

O casamento, os filhos, a operação

Encontrar Elizabeth Tuckness mudou-lhe a vida. Foi um “encontro de iguais”. A descrição que faz é a de um grande amor e da descoberta de uma alma gémea. Casaram em 1949 e tiveram cinco filhos, três rapazes e duas raparigas. “Ouve-se agora falar no conceito de ‘casamento aberto’ [...] O nosso foi sempre um acordo desse tipo”, e “pela natureza das coisas, o sexo era subsidiário”.

Jan sabia que queria ter filhos e, não podendo ser mãe, assumiu com prazer o papel de pai, mesmo reconhecendo que nunca foi a típica figura paternal. Elizabeth soube sempre o “enigma” da vida do marido, e os filhos souberam, de forma gradual, mais tarde. “Espero ter-lhes dado, se nada mais, pelo menos uma compreensão do amor”, escreve.

Mas se os filhos e Elizabeth acompanharam essa mudança gradual e tiveram tempo para se habituar a ela, o resto do mundo estava menos preparado para a transformação de James em Jan. Num dos capítulos mais marcados pelo seu elegantíssimo sentido de humor, descreve o que foram esses anos em que a sua

“condição andrógina” se podia revelar tanto um “pesadelo” como uma “aventura”. O momento, por exemplo, em que, tendo que passar pela alfândega no aeroporto Kennedy, em Nova Iorque, “não fazia ideia a que sexo é que o polícia iria achar que eu pertencia, e tinha que preparar as minhas respostas para qualquer uma das decisões” e tentar perceber se ouvia um “o senhor aí” ou em vez disso “a senhora, por favor”, para poder decidir que atitude tomar.

As reacções mudavam conforme o lugar do mundo em que se encontrava. “Os gregos pareciam muito divertidos. Os árabes convidavam-me para passear. Os escoceses pareciam chocados. Os alemães preocupados. Os japoneses não reparavam”.

Com o tempo, e as doses de hormonas, a ambiguidade foi-se reduzindo e Jan foi parecendo cada vez mais uma mulher. Inicialmente a operação estava prevista para a Grã-Bretanha, mas a informação de que teria que se divorciar de Elizabeth primeiro (o que acabaria por acontecer mas só mais tarde) levou-a a uma opção mais arriscada: o Dr. B e a sua clínica em Casablanca. Foi aí que, nas duas semanas que levou a recuperar da operação, viu pela primeira vez outros como ela. “Encontrámo-nos vagueando pelos corredores. [...] Éramos como prisioneiros, momentaneamente libertos das nossas celas para interrogatórios, encontrando por fim colegas que só conhecíamos por códigos ou lendas. Olhávamos uns para os outros como estranhos e aliados, com curiosidade e inocência”.

E assim James deu lugar a Jan. Só então, sentindo-se completa, percebeu o “quão profundamente tinha ansiado pelos braços e o amor de um homem”. Mas era “demasiado tarde” porque os homens que amara estavam “já casados, ou mortos, ou longe, ou indiferentes”.

Às vezes o nome suscitava confusões, como quando um australiano lhe disse, em tom descontraído: “Pensei que Jan Morris era um homem. O que é que aconteceu, mudou de sexo ou alguma coisa assim?”. E Jan respondeu a evidência: “Sim, foi isso mesmo”. Mas no geral o mundo integrou bem a nova identidade.

Aliás, tudo correu surpreendentemente bem. Jan acredita que foi assim porque faz parte da categoria dos “transsexuais do tipo clássico”, aqueles para quem o que está em causa não é uma questão sexual, aqueles que “não oferecem nenhum objectivo racional às suas compulsões”, mas limitam-se a ser “guiados, cegamente, e sem alternativa, até à mesa de operações”.

Nunca se arrependeu da decisão que tomou. Aliás, escreve, “se me visse presa nessa gaiola outra vez, nada me afastaria do meu objectivo, por muito assustadoras que fossem as perspectivas, por muito pouca que fosse a esperança, correria a terra em busca de cirurgiões, subornaria barbeiros ou abortadeiras, pegaria numa faca e fá-lo-ia eu própria, sem medo, sem dúvidas, sem pensar duas vezes”.

E aos que a invejam acreditando que tomou em mãos o seu destino, e lhe citam W. E. Heney - “I am the master of my fate, / I am the captain of my soul”, responde que isso é uma ilusão e que se avançou por aí foi porque esse era o único caminho que lhe era possível percorrer.

E cita-lhes Cecil Day Lewis - “Tell them in England, if they ask/What brought us to these wars/To this plateau beneath the night’s/Grave manifold of stars/

It was not fraud or foolishness,/Glory, revenge or pay;/We came because our open eyes/Could see no other way.”

Ver crítica de livros págs. 38 e segs.

“Sou particularmente sensível ao que acontece porque os meus livros são essencialmente autobiográficos - para não dizer que são egotistas. Descrevem o efeito dos lugares não em geral, mas sobre uma sensibilidade particular - a minha própria. Nunca me tento colocar no lugar dos outros - escrevo sobre as minhas próprias reacções”

SÃO LUIZ / JUN~09

7ª FESTA DO JAZZ DO SÃO LUIZ

DIRECÇÃO ARTÍSTICA: CARLOS MARTINS
PRODUÇÃO EXECUTIVA: LUIS HILARIO

A FESTA DO JAZZ PORTUGUÊS

26, 27 E 28 JUN

sexta, sábado e domingo

sala principal, jardim de inverno,

teatro-estúdio mário viegas

e spot são luiz

SEXTA DAS 21H00 ÀS 02H00
SÁBADO DAS 14H00 ÀS 02H00
DOMINGO DAS 12H00 ÀS 02H00
M/3



CO-ORGANIZAÇÃO SEM / SRS ON / EST/IIIH
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL
C/DA ANTONIO MARIA GONCALVES, 36, 1200-071 LISBOA
C/DA AL. DA TRINDADE, 1200-071 LISBOA
T: 211 307 660

Livros

●Mau ★Mediocre ★★Razoável ★★★Bom ★★★★Muito Bom ★★★★★Excelente



Butcher fez uma viagem perigosa e dolorosa de seis semanas e 3000 km. Não há registo de alguém a ter levado a cabo nas últimas décadas e não é difícil perceber porquê

Viagens

Os enigmas de Veneza

Numa escrita fluente capaz de cerzir informação prosaica com erudição histórica, a Veneza de Morris pede meças a Ruskin e a Brodsky. **Eduardo Pitta**

Veneza
Jan Morris
(tradução Raquel Mouta)
Tinta da China, €21,90

★★★★★



É provável que o leitor comum sinta perplexidade face ao nome e à obra de Jan Morris, que nasceu em 1926 James Humphrey Morris, estudou História em Oxford, frequentou a Academia Militar de Sandhurst, combateu na II Guerra Mundial como oficial dos Lanceiros da Rainha, tornou-se um escritor famoso e, em 1972, mudou de sexo, continuando a viver com a mulher que lhe deu cinco filhos (um deles é o poeta e músico Twm Morys). Nesse ano, atenta a nova identidade sexual, adoptou o nome de Jan Morris. Como nota Carlos Vaz Marques no prefácio de "Veneza", cuja versão actualizada foi agora traduzida, "é quase escandaloso [...] ser esta a primeira vez que o leitor tem a oportunidade de encontrar o nome de Jan Morris nas estantes das livrarias portuguesas". De facto,

A obra é vasta: entre livros de viagem (os mais aclamados), ensaios, cinco volumes de memórias, dois

romances, uma colectânea de contos, uma biografia do almirante Jackie Fisher, recolhas de artigos, etc., Morris tem publicada meia centena de títulos. Como introdução, recomendaria três: o excepcional "Veneza" (1960), o pungente relato autobiográfico de "Conundrum" (1974), e a trilogia "Pax Britannica" (1978), sobre as luzes e sombras do Império.

A primeira versão de "Veneza" foi escrita "ainda na pessoa de James Morris", o que não aconteceu nas de 1974, 1983 e 1993. Muita coisa mudou desde 1945, ano da primeira visita, quando o então jovem oficial se deixou seduzir pela "mistura de tristeza e espectacularidade" da cidade, associando o perfil dos "palácios periclitantes" a um bando de "aristocratas inválidos que se atropelam para apanhar ar fresco". A escrita é fluente, capaz de cerzir informação prosaica com erudição histórica, sem com isso beliscar a melodia da frase.

Morris adverte que não se trata de um livro de história, nem de um guia, nem sequer de uma reportagem. Ignore os avisos. O índice remissivo contém todas as referências importantes, e uma cronologia entre 421 e 1960 não deixa nada de fora. O índice onomástico é precioso. Convém perceber que falamos de uma sociedade fechada: "Veneza nunca foi amada. Sempre esteve à parte, sempre foi invejada, sempre suspeita, sempre temida. [...] Era o leão que caminhava sozinho."

O preâmbulo detalha as circunstâncias das sucessivas visitas de Morris, primeiro com "olhos jovens, especialmente sensíveis aos estímulos da juventude", mais tarde guiada pela ideia que guardava da cidade, em conflito aberto com a realidade do mundo contemporâneo: "apinhada, emvelhecida e inconformista". Depois a obra desdobra-se em cinco partes: "Terra à Vista", "Os Habitantes", "A Cidade", "A Laguna" e "O Embarque". Cada uma delas nos leva pelo fio da história. Perpécias do quotidiano, declinações dialectais, humores, mitos, equívocos, anedotário indígena, bricabraque, antigos ritos, nada escapa ao exaustivo "tour d'horizon". Mesmo quem conheça Veneza surpreende-se com o caudal e a minúcia do relato, não isento de malícia: "Veneza ficou meio louca nas décadas que antecederam a sua queda [...] Actualmente... está relativamente sóbria..."

Morris ama Veneza mas não doura a pílula: "Em Veneza nunca se pode ter muitas certezas. O estranho é que, apesar de a informação ser claramente incerta, quem nos informa é habitualmente dogmático [...] O ponto fraco do veneziano é detestar confessar a sua ignorância." O passado histórico explica. Morris fala de doges e ladrões com mesmo à vontade com que nos familiariza com Ticiano. A chegada de Vasco da Gama à Índia pôs fim ao monopólio de Veneza? Sabemos que sim. Não obstante, a cidade "manteve a jactância e a pompa, preservando ainda hoje a sua reputação

grandiosa". Afinal, comerciar indiscriminadamente com cristãos e muçulmanos, fazendo tábua rasa das sanções papais, e de tratar os Cruzados como meros mercenários, não é para qualquer um. Não por acaso, as grandes potências do século XVI se uniram (em 1508, na Liga de Cambrai) contra ela.

Nenhum capítulo se ocupa de arte em sentido estrito, porque a cidade é um museu vivo, nenhuma pedra ali está por acaso, e a mais inocente figura, se não for um Tiepolo ou um Guardi, pode ser que seja Mantegna ou Antonello da Messina. De modo que não vale a pena enfatizar o óbvio. Bellini, Carpaccio, Tintoretto, Veronese, Canaletto, Longhi, Canova e muitos mais, têm, na narrativa, estatuto idêntico ao do povo anónimo. Isto, que num autor menos apetrechado daria azo a uma crónica de viagem, transforma-se nas mãos de Morris numa obra que (estamos a falar de Veneza) se mede pelas memoráveis bitolas de Ruskin e Brodsky.

Não sei se, como exarou um comité de críticos consultados (em 2008) pelo "Times", Jan Morris é ou não um dos mais importantes autores britânicos do pós-guerra. Sou avesso a esse tipo de classificações, as quais tendem (não estou a dizer que seja o caso) a deixar-se contaminar por razões exteriores à literatura. A minha única certeza é a de uma excepcional qualidade da sua escrita.

No país do coração destroçado

Tim Butcher decidiu repetir a célebre expedição de H.M. Stanley no rio Congo. **Luís Maio**

Rio de Sangue
Tim Butcher
(tradução de Esparedo Martins)
Bertrand Editora, €18

★★★★★



A época da exploração de novas terras acabou, algures na primeira metade do século XX. A literatura de viagens que hoje se promove sob essa bandeira é, portanto, nostalgia ou puro engodo. "Rio de Sangue" de Tim Butcher consegue, no entanto, a proeza de ensaiar um relato tão genuíno, empolgante e dramático quanto o dos míticos aventureiros do passado. O que só é possível porque Tim Butcher escolheu viajar no Congo, "o país mais assustador e mais atrasado à face da Terra".

Tim Butcher nasceu em 1967, estudou em Oxford e é jornalista do "Daily Telegraph" desde 1990. Fez a cobertura de guerras na Croácia, na Bósnia, no Kosovo, na Serra Leoa e no

Iraque, sendo o actual correspondente desse jornal em Jerusalém. Pelo meio, foi destacado para África, onde cobriu a guerra no Congo, um conflito que desde a sua eclosão em 1998 já terá provocado quatro milhões de mortos, apesar dos acordos de paz de 2002. Já se sabe que ser correspondente de guerra é uma profissão de alto risco, mas Butcher tinha chegado a um ponto da sua carreira em que tudo já não passava de rotina. "Queria abandonar a horda jornalística, encontrar um projecto que ao mesmo tempo me atemorizasse e me inspirasse." Nesse aspecto, como porventura em nenhum outro, o Congo não decepcionou o jornalista inglês.

A obsessão de Butcher ganhou corpo ou um itinerário mais preciso, quando se deu conta que H.M. Stanley - autor da famosa saudação "Fé o Doutor Livingstone, imagino eu" -, foi como ele correspondente do "Telegraph" e nesta qualidade resolveu "o último grande mistério geográfico do continente africano". Através de uma viagem épica, que decorreu entre 1874 e 1877, Stanley foi o primeiro explorador a percorrer o traçado completo do Rio Congo. Mais do que isso, defende Butcher, inaugurou a história da África moderna, visto que a sua reportagem criou um alvo para a ambição colonial do rei belga Leopoldo II que, por seu turno, levou outras potências europeias a reivindicarem o interior de África. É pelo menos esta a cadeia de razões que o jornalista inglês invoca para aterrar no lago Tanganica em 2004, decidido a seguir contra todas as advertências o traçado da expedição de Stanley até à foz atlântica do Congo.

Uma viagem perigosa e dolorosa de seis semanas e 3000 km. Não há registo de alguém a ter levado a cabo nas últimas décadas e não é difícil perceber porquê. Da infra-estrutura de comunicações fluviais e ferroviárias, eficiente e bem conservada da era colonial, nada resta. Dos cerca de 120 mil quilómetros de estradas que o Congo herdou, na independência de 1960, restam menos de mil quilómetros, boa parte dos quais menos usados para o trânsito de veículos que para afixar facilhões. Butcher tem assim de improvisar o seu caminho, socorrendo-se da boa vontade de estranhos, desde missionários a soldados da paz, passando por industriais ligados ao poder e mesmo rebeldes mercenários. Desloca-se de motocicleta, piroga, batelão, jipe e até de helicóptero, sem nunca se demorar muito em parte alguma, sobretudo para evitar encontros desagradáveis com os sanguinários rebeldes locais, que não obedecem a ninguém a não ser a eles próprios.

Fome, doença, miséria, violência, destruição e morte é tudo o que encontra num país gigantesco afundado no mais completo colapso, isto apesar ou justamente por causa dos seus imensos recursos naturais. Símbolos por excelência deste desastre são as pessoas que o autor vai cruzando pelo caminho: →

James Morris, o jornalista que relatou a expedição ao Everest; à direita, Jan Morris, a escritora de livros de viagens



A Veneza de Jan Morris

Tida como um dos **nomes maiores da literatura de viagens**, Jan Morris é pela primeira vez editada em Portugal, com um obrigatório livro sobre Veneza. O texto original foi assinado quando era ainda homem e respondia pelo nome de James

Gonçalo Frota
goncalo.frota@sol.pt

NO PREFÁCIO a Veneza, depois de classificar como «quase escandaloso ser esta a primeira vez que o leitor tem a oportunidade de encontrar o nome de Jan Morris nas estantes das livrarias portuguesas», Carlos Vaz Marques, responsável pela colecção de livros de viagens da Tinta da China, não resiste a citar essoutro nome fundamental das viagens lidas, Paul Theroux. E nas palavras de Theroux, «Jan Morris é uma das maiores escritoras descritivas da língua inglesa». Algo que não era ainda quando, em 1963, acompanhou para o *The Times* a primeira expedição britânica ao cume do Everest. E não o era por duas razões: a primeira, porque só depois desse momento se dedicaria a tempo inteiro à escrita; a segunda, porque na altura chamava-se James Morris e era um homem.

Na altura que acompanhou como repórter a expedição liderada por John Hunt, James deixara já o serviço militar e tinha casado com a filha de um proprietário de plantações de chá no Sri Lanka. No entanto, segundo revela na sua elogiada autobiografia *Conundrum*, a certeza de que nascera no corpo errado era já coisa antiga. Daí que, já pai de cinco filhos, tenha começado a tomar hormonas femininas na década de 1960 e tenha consumado, em 1972, em Casablanca, a mudança de sexo ao submeter-se

a uma operação. Foi, obviamente, a maior viagem da sua vida: entrou na sala homem e saiu de lá mulher. Toda a história, com os mais ínfimos pormenores, é igualmente contada em *Conundrum* (que significa 'enigma').

Mas aquilo que de verdadeiramente insólito há no seu trajecto de vida é o facto de ter continuado a coabitar harmoniosamente com a mulher e os filhos, voltando até a casar-se (tratou-se, no fundo, de uma união civil, uma vez que vive com Elizabeth no País de Gales) com a mesma mulher 60 anos depois - pri-

Na maior viagem da sua vida, entrou na sala homem e saiu mulher

meiro como homem, depois como mulher. À BBC, confessou no ano passado: «Vivo com a mesma pessoa há 58 anos. Casámo-nos quando eu era nova, depois fiz a operação de mudança de sexo e naturalmente tivemos de nos divorciar, mas continuámos a viver juntos». Para Jan, foi uma questão de repor a verdade da sua vida conjugal - aos 58 anos, quis ter a certeza de que quando partir não deixaria nenhuma peça fora do sítio.

Chegada a Veneza

Veneza foi escrito originalmente por James, em 1960, numa época em que era um dos mais afa-

mados jornalistas britânicos e trabalhava como correspondente no estrangeiro. Durante um ano, foi na cidade italiana que deu descanso às bagagens. A sua ideia original passava por traçar um retrato da «Veneza contemporânea», mas à medida que a escrita avançava, as páginas acabaram por se transformar num magnífico equilíbrio entre a informação histórica (que tem direito a um índice próprio nesta edição) e as milhentas histórias quotidianas reveladoras de uma formidável capacidade de obser-

vação e capazes de dotar de texturas, cores e cheiros as descrições de Morris. O livro foi um sucesso tal (com o correspondente comento de Theroux - que abandonou o jornalismo para se dedicar em exclusivo a escrever sobre as suas viagens).

Nas reedições de Veneza - que acabaram por justificar a alteração do nome do autor da obra de James para Jan -, a tentação de actualizar o texto acabou por encontrar sempre um obstáculo, conforme explica na introdução. É que a «cidade meio alegre, meio melancólica», onde a «melancolia não se devia a angústias presentes, antes a mágoas antigas» e pela qual se apaixonou na primeira visita, no final da Segunda Guerra Mundial, já não era a mesma. «O despeito

persistente da cidade, gerado pelo antigo império, o cheiro da podridão e dos séculos, que era tão essencial ao seu carácter» foram dizimados pelo passar dos anos. Sobretudo na década de 1970, quando a preocupação pela preservação da cidade depois da grande inundação de 1966 passou a fazer parte das dores de cabeça à escala planetária.

Essa «magia triste», como Morris a definia, extinguiu-se e levou com ela a intensidade de um amor que, depois disso, não se tornou banal mas perdeu alguma chama. Ainda assim, continua a eleger Veneza como o seu lugar preferido. Depois de Veneza, Jan havia de assinar outra obra-prima fundamental sob a forma da trilogia *Pax Britannica*, um olhar sobre a ascensão e queda do Império Britânico - começada a publicar enquanto homem e terminada já mulher.

Quanto ao elogio de Theroux - outro nome maior da literatura de viagens que, ao lado de Bruce Chatwin, nunca poupou enómios a Morris -, facilmente lhe damos razão nas extraordinárias linhas que Jan dedica à chegada a Veneza e nos relata que «uma infinidade de palácios periclitantes, cismáticos e monstruosos empurraram-se para a margem como um sem-número de aristocratas inválidos que se atropelam para apunhar ar fresco». Um livro extraordinário que será quase escandaloso não ler.

A primeira versão de "Veneza" foi escrita "ainda na pessoa de James Morris", o que não aconteceu nas de 1974, 1983 e 1993

